

# OBSTÁCULOS À CONSTITUIÇÃO DE UMA IDENTIDADE LATINO-AMERICANA NO BRASIL, EM SÍLVIO JÚLIO DE ALBUQUERQUE LIMA

Priscila Dorella

## RESUMO

As dificuldades relacionadas à integração entre os países latino-americanos sempre foram, ao longo da história, uma constância. Diversos motivos – econômicos, políticos, sociais e históricos – resultaram em atitudes mútuas de indiferenças e discriminações. No entanto, a defesa da integração latino-americana ainda está em voga, principalmente entre os hispano-americanos. Quanto ao Brasil, essa defesa é ainda esporádica. Este artigo tem por objetivo discutir esse tema através das idéias de Silvio Julio de Albuquerque Lima (1895-1984), um precursor dos estudos hispano-americanos no país. O autor em questão lutou pela aproximação dos países latino-americanos oferecendo uma enorme resistência ao discurso nacionalista brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intelectuais, América Latina e Historiografia.

## ABSTRACT

The difficulties related to the integration among the Latin American countries were always a constant throughout history. There were many reasons – economical, political, social and historical – which resulted in mutual attitudes of indifference and prejudice. However, the defense for Latin American integration is still in vogue, especially among Hispanic-Americans. When it comes to Brazil, only sporadic registers can be observed. This article has as an aim to discuss this matter by the ideas of Silvio Julio de Albuquerque Lima (1895-1984), a forerunner of the Spanish American studies in the country. The author in question fought for the approximation of the Latin American countries offering a huge resistance to the Brazilian nationalistic speech.

**KEYWORDS:** Intellectuals, Latin American and Historiography.

“O maior inimigo da pátria é inegavelmente o patrioteiro”.

Silvio Julio, *Escritores Antilhanos*, 1944.

---

\* Doutoranda em História da América pela Universidade Federal de Minas Gerais, 2010 - FAPEMIG. O presente artigo é fruto da investigação realizada em nossa dissertação de mestrado, que discorreu acerca da vida e da obra do pernambucano Silvio Julio de Albuquerque Lima (1895-1984), um dos primeiros acadêmicos brasileiros a se dedicar, sistematicamente, a estudos sobre a América Hispânica.

Atualmente, o desafio em pensar a América Latina implica levar em consideração a identificação de problemas em comum e as soluções pensadas em conjunto, tendo em mente a diversidade histórica e cultural que compõem esse variado espaço geográfico. No entanto, as origens do termo América Latina remontam a meados do século XIX, período esse em que se objetivava a busca pela construção de uma identidade que revelava a rejeição ao expansionismo norte-americano – principalmente após a guerra México-Americana (1848) –, a luta pela consolidação da autonomia das ex-colônias americanas da Europa Ibérica e o interesse francês no Novo Mundo.

Inúmeros intelectuais se ocuparam, desde então, a pensar a identidade ou as identidades latino-americanas, sem conseguirem fornecer respostas definitivas, uma vez que o conceito América Latina foi ganhando novos significados ao longo do tempo, ao abranger, como mencionado, culturas diversas em um espaço geográfico variado e com necessidades distintas. Segundo Alain Rouquié:

Se a existência de uma América Latina é problemática, se a diversidade das sociedades e das economias se impõe, se a delimitação das diferentes nações é um dado básico de seu funcionamento, não deixa de ser verdade que uma relativa unidade de destino, mais sofrida que escolhida, aproxima ‘as repúblicas irmãs’ (ROUQUIÉ, 1991:21).

É relevante observar que, para o autor francês, a aproximação entre as repúblicas irmã se dá entre aspas, o que não deixa de ser um indício de que os conflitos pungentes são também vistos como fissuras identitárias. A intelectualidade brasileira, desde a independência, contribuiu para traçar algumas semelhanças e diferenças entre a América Hispânica e a América Portuguesa e, conseqüentemente, reconhecer o Brasil na América Latina.

As semelhanças evidenciam que a América Latina vivenciou três séculos de colonização ibérica; presenciou uma enorme influência, no século XIX, tanto inglesa quanto francesa; sofreu com o intervencionismo norte-americanismo desde meados do século XIX. Além disso, há o entendimento de que esse espaço geográfico latino-americano propiciou, em linhas gerais, uma formação cultural miscigenada, uma produção intelectual, em grande medida, eurocêntrica e a construção de nações que se encontram, ainda, em desenvolvimento.

As diferenças mais enfatizadas giram em torno da idéia de que a colonização espanhola na América promoveu uma formação distinta da América portuguesa, por exercer uma colonização mais pragmática e mercantilista. Somado a isso, é freqüentemente reforçado o fato de que o Brasil manteve a unidade territorial após a independência, diferentemente da América Hispânica, que enfrentou conflitos violentos com a metrópole, experimentou guerras civis – mais ou menos prolongadas – e se fragmentou.

Podemos notar que há uma tendência simplificadora no discurso sobre as semelhanças e diferenças entre o Brasil e os outros países latino-americanos, pois diversas vezes não são consideradas as múltiplas referências culturais que compuseram a América Latina – indígenas, africanas, orientais, européias, além das ibéricas – e como essas misturas provocaram organizações sociais distintas. Dessa maneira, as reflexões sobre a América Latina no Brasil, em muitos momentos, resume-se a análises sobre as suas raízes ibéricas.

O conhecimento mais profundo e menos estereotipado sobre o assunto está sendo feito nos últimos anos. As primeiras conclusões, nessa direção, constataram que há no pensamento brasileiro sobre a América Hispânica significativas imagens e representações de discriminação. Essa “outra” América é vista como um lugar menos desenvolvido e mais caótico que o Brasil. Salvo exceções como a Argentina e o Chile, os outros países não teriam muito a acrescentar aos brasileiros. O Brasil, por ser um país de proporções continentais na América Latina, propiciou uma relativa predominância dos interesses brasileiros na região, a ponto de ser vista, em alguns momentos, a sua expressiva atuação econômica e política na América do Sul como uma espécie discutível de ‘sub-imperialismo’.<sup>1</sup>

Para pensarmos em algumas imagens e representações discriminatórias nas relações entre o Brasil e a América Hispânica, constatado pela historiografia brasileira, discutiremos as idéias dissonantes de um precursor dos estudos hispano-americanos no Brasil – Silvio Julio de Albuquerque Lima (1895-1984). Esse intelectual atuou como historiador, professor, ensaísta, jornalista, filólogo, poeta e contista, publicando, ao longo de sua vida, quase 40 livros sobre história, literatura e folclore na América Latina. Lecionou durante muitos anos na Universidade de São Marcos (atual UFRJ), no Rio de Janeiro, ocupando a cátedra de História da América e mantendo vínculo com alguma das mais importantes universidades hispano-americanas, entre elas a *Universidad Mayor de San Marcos*, no Peru, na qual lecionou de 1960 a 1973, beneficiando-a com a doação voluntária de toda a sua biblioteca. Acrescente-se a isso que orientou, entre outras, a primeira tese de doutorado em História, defendida por uma mulher no Brasil, a historiadora Eulália Lobo, especialista em história hispano-americana.

---

<sup>1</sup> Veja a exemplo o que pensam países como a Bolívia e o Paraguai, em relação às questões como o Gás Natural e a Hidrelétrica de Itaipu.

Nossa intenção, nas linhas que se seguem, é discutir algumas de suas idéias em prol da necessidade do Brasil conhecer profundamente a América Hispânica e em resistência ao discurso nacionalista brasileiro.<sup>2</sup> As obras de Silvio Julio foram publicadas, em grande medida, na primeira metade do século XX, momento esse que o Brasil ainda nutria grande resistência em relação aos países hispano-americanos. Estudos recentes de intelectuais como José Murilo de Carvalho, Maria Ligia Prado e Maria Helena Capelato identificaram algumas das genealogias dessas idéias ‘negativas’. Isso se tornou uma preocupação relevante, atualmente, devido ao novo contexto histórico, em que a democracia liberal-globalizada constituiu um novo cenário e exigiu, conseqüentemente, uma intensa revisão da escrita dessa história.

Murilo de Carvalho, no texto “Brasil: Outra América?”, afirma que já havia, pelo menos, desde o início dos tempos modernos, uma rivalidade entre Espanha e Portugal, e um estilo de colonização diferenciado que contribuiu para o Brasil ficar de costas para a “outra” América. A arma utilizada por Portugal para enfrentar a escassez de recursos humanos e materiais foi, segundo o autor, o pragmatismo, com um traço mercantil mais forte do que o da colonização espanhola. No entanto, o Brasil incorporou a rixa no processo de colonização: “A elite brasileira sempre fez questão de marcar a especificidade do Brasil em relação a esses países. No século XIX, os países hispânicos eram vistos como exemplo negativo de violência política, de caudilhismo, de barbárie” (CARVALHO, 1998:273). A identidade em comum, de acordo com o autor, seria formada, principalmente, pela sobrevivência de valores ibéricos como o personalismo, a recusa do liberalismo, o ideal de uma sociedade baseada na integração e não no choque de interesses. É importante notar que a mesma herança colonial ibérica que afasta o Brasil dos países hispano-americanos é a que os une.

Prado, em seu artigo “O Brasil e a distante América do Sul”, discute a elaboração de um discurso brasileiro negativo no período monárquico e nos primeiros anos da República sobre a América Hispânica, utilizando como fontes textos políticos e intelectuais da época. De acordo com a autora, o fato de constarmos as diferenças entre a colonização espanhola e portuguesa, além da tradição de uma cultura eurocêntrica na região, não explicaria, suficientemente, “o fosso que nos separa”, pois: “A identidade brasileira, no período

---

<sup>2</sup> Quanto à escolha de um intelectual pouco conhecido, Ronaldo Conde Aguiar afirma, ao realizar um estudo sobre Manuel Bomfim, intitulado *O Rebelde Esquecido*, que há no meio intelectual brasileiro uma “hierarquia de relevância” que tende a privilegiar autores estrangeiros em detrimento de autores brasileiros. Além disso, há, segundo ele, um consenso de que somente nomes consagrados da história intelectual brasileira são capazes de apontar as causas mais profundas das mazelas sociais e políticas do país. De acordo com essa lógica, os intelectuais pouco conhecidos ou mesmo esquecidos não nos serviriam para pensar a história porque o pensamento social brasileiro é, notavelmente, excludente.

[monárquico], foi construída montando-se a oposição entre regimes políticos antagônicos, a monarquia e a república. Os demais países da América Latina eram potenciais inimigos do Brasil e se constituíam na representação da barbárie” (PRADO, 2002:18).

O advento da República no Brasil não veio, segundo ela, acompanhado de uma alteração expressiva na forma negativa como o Brasil notava a “outra” América. Capelato reforça esses argumentos, no seu artigo “O ‘gigante brasileiro’ na América Latina: ser ou não ser latino-americano”, ao mostrar como alguns intelectuais, políticos, jornalistas e educadores se posicionaram ao longo da história brasileira sobre a questão de o Brasil ser ou não parte da América Latina.

As conclusões que esses estudos acima compartilham apontam que algumas das imagens, idéias e representações discriminatórias, com relação à América Hispânica foram fundamentadas no período monárquico; que não há, ainda, uma tradição de pesquisas sobre a América Latina no Brasil e o que une os latino-americanos é, muitas vezes, um inimigo comum – os EUA. Além disso, o Mercosul representaria, na visão de muitos brasileiros, a grande possibilidade de integração e de mútuo conhecimento em um país que “oscila entre o sentimento de ser, ou não, parte integrante da América Latina”.

Essa realidade [o Mercosul] obrigou os brasileiros a reverem seus projetos de hegemonia e o significado de sua identidade no continente. A crise dos últimos anos mostrou, como nunca no passado, que a América Latina não é a “Outra América”, mas a “Nossa América”, com a qual nos identificamos em busca de soluções para os problemas em comuns (CAPELATO, 2000:315).

O livro de Silvio Julio sobre o americanismo, de 1944, revela a diferença de um pensamento obstinado em difundir os benefícios do mútuo conhecimento na América Latina, em significativo descompasso com as questões mais visitadas pela intelectualidade brasileira da época. O autor expunha seus argumentos utilizando uma estratégia de convencimento, claramente, tendenciosa. Essa sua postura é uma característica militante, em prol do melhor conhecimento entre essas culturas: “A falta de informações costuma os apressados daqui [do Brasil], a rebentar de vaidade infantilmente localista, juntar o desprezo cruel e absurdo da obra dos maiores heróis, estadistas, sábios e literatos da América Espanhola” (JULIO, 1944:6). Mais adiante acrescenta:

Quando provamos a colegas ilustres que nem sempre fomos nós os primeiros defensores e os mais evidentes dos princípios de solidariedade continental, que não criamos as primeiras escolas e universidades do Novo Mundo, que não nos pertencem as suas primeiras obras literárias e tipográficas, eles nos confessam lealmente a surpresa que isso lhes causa, pois pensavam que todas as iniciativas e glórias partiam do Brasil. Ao menos esses são honrados e escutam a lição de verdade. Pior, milhões de vezes pior é a gentalha discursadora dos centros aonde se arranjam empregos oficiais, que tal escória da inteligência humana se nega a curvar-se aos fatos e aos documentos e ainda calunia o homem livre que os expõe, chamando-lhe de mau cidadão, traidor e diabo (JULIO, 1944:6).

Os intelectuais brasileiros insistiam na Europa e nos EUA como modelos preferenciais. Dessa forma, Silvio Julio evidenciava que os europeus e os norte-americanos reconheciam o valor da cultura hispano-americana: “Basta percorrer qualquer publicação informativa dos Estados Unidos e da Europa, para que imediatamente se averigüe a atenção respeitosa que, nos meios científicos, artísticos e literários, é dada aos povos e autores da América Espanhola” (JULIO, 1944:7).

O autor admitia o esforço que haveria de ser feito para que ocorresse uma aceitação positiva em relação à América Hispânica.

Eugenio Maria Hostos, por exemplo. Virtuoso, cavalheiresco, patriota, americanista, educador, polígrafo, quem já o leu no Brasil? Além disto, se lhe gritarmos alto o valor, quantos nos desmentirão, dizendo impossível que Porto Rico tenha sido berço de intelectuais que se meçam com os nossos? De norte a sul da América, os que falam castelhano e os que falam inglês consideram-no mestre, espelho, farol dos talentos mais respeitáveis (JULIO, 1944:10).

Comparava autores latino-americanos com autores europeus, objetivando o reconhecimento dos primeiros pelos brasileiros.

Rafael Maria Baralt (...) quem escreveu o *Resumen de la Historia de Venezuela*, o *Diccionario de Galicismos*, o inacabado e magnífico *Diccionario matriz de la lengua castellana*, *La libertad de imprenta* e outros trabalhos tao esmerados que rivaliza com Jules Michelet na historiografia e com Pierre Larousse na lingüística (JULIO, 1944:13).

Para o autor, as causas da discriminação eram motivadas por preconceitos históricos e já deveriam ter sido superadas com o advento da República:

É reprovável a posição antiamericanista da intelectualidade brasileira, porque não origina de princípios, oposição de tendências, doutrinas. Nem ao menos se gera do conhecimento dos assuntos e das opiniões conseqüentes. *Não* passa de vício e velho vício, que vem da época colonial e do tempo da monarquia (JULIO, 1944:16).

É importante pontuar que todo julgamento pré-concebido é significativo na constituição de uma identidade, pois só temos essa atitude diante daquilo que nos incomoda ou ameaça. Para entendermos melhor o porquê da dificuldade de união latino-americana trataremos de compreender, em um primeiro momento, o julgamento brasileiro sobre a América Hispânica. Como pontua García Canclini:

Pode-se dizer, como já se escreveu, que o etnocentrismo e o desprezo do diferente nasceram com a humanidade, e nisso nenhum grupo é inocente. Os gregos chamavam os estrangeiros de bárbaros, ou seja 'balbuciantes gogos'. Os náhuas se referiam a seus vizinhos como popolacas (gagos) e mazahuas (os que berram como servos). Para os hotentotes, os ainu e os ramchadales, os nomes de suas tribus significam "seres humanos" (GARCÍA CANCLINI, 2003:99).

A base da construção da identidade consiste em afirmar que não podemos nos identificar totalmente com o 'outro', se não deixamos de "ser nós" e passamos a "ser o outro". A discriminação passa a ser, nesse sentido, um dos importantes componentes na formação da identidade, uma vez que ela precisa da diferença para existir. Assim, a hipótese proeminente é de que o Brasil não poderia se identificar, demasiadamente, com a América Hispânica, sob o risco de ter suas especificidades ameaçadas.

Mario de Andrade reforça essa idéia, através da literatura, em seu livro inacabado *O banquete*, de 1944, ao afirmar que somos mais próximos do que imaginamos da América Hispânica, daí a necessidade das diferenças serem tão realçadas.

Nós somos um terreno de luta, não só comercial, mas cultural para as nações de primeira grandeza. E com a guerra, com a derrota da França, a América do Norte aproveitou a ocasião, para ver se nos dominava culturalmente também. Empregou métodos excelentes, e hábeis quase todos, e não há dúvida de que a cultura latina, especialmente a francesa esta periclitando por aqui. É um bem? É um mal. Nós não somos ‘latinos’ eu sei. Mas também não somos norte-americanos. Nossa cultura nacional ainda é demasiado frágil para não sofrer conseqüências funestíssimas si se ianquizar. É engraçado: há culturas cuja influência é perigosa, e outras não. Por exemplo, eu acho a cultura espanhola muito perigosa pra nós, porque desvirtua os caracteres íntimos da língua nacional. Toda influência cultural enche uma língua de estrangeirismos, não há dúvida. Mas é curioso como um galicismo, um anglicismo, um germanismo não deturpam a sensibilidade psicológica de nossa síntese. Talvez por virem de linguagens distantes demais da nacional. Mas os italianismos e, sobretudo os espanholismos, por isso mesmo que muito mais sutis, muito menos ‘visíveis, têm o dom terrível de deturpar as essências íntimas da nossa linguagem. Hoje eu estou convencido que a influência francesa é a mais benéfica, mas fecunda para nós (ANDRADE, 1944:108 – Os grifos são nossos).

Percebemos, assim, como o discurso nacionalista brasileiro obstaculizou o conhecimento mais profundo sobre a América Hispânica. O nacionalismo, ao considerar a língua, a cultura e a religião como os principais identificadores da nação, percebia a América Hispânica como uma ameaça às especificidades brasileiras.

Sabemos que os brasileiros e os hispano-americanos possuem formações distintas. Mas o discurso da diferença é um discurso difícil. Já notamos, em relação aos nacionalistas brasileiros que o postulado da diferença leva facilmente ao sentimento de superioridade, assim como o postulado da igualdade ao de indiferença, e é sempre difícil resistir a esse duplo movimento, ainda mais que o resultado final desse encontro parece indicar, sem sombra de dúvida o vencedor: não seriam os brasileiros “superiores”, além de indiferentes? A “verdade”, ou aquilo que, para nós, ocupará seu lugar não é, porém, tão simples.

Silvio Julio observava que o efeito das atitudes discriminatórias do Brasil na América Hispânica não gerava maiores conseqüências desastrosas entre esses países.

Acontece, todavia, que aqueles dogmas estapafúrdios do nacionalismo, pagos a tanto por pagina, provocarão ainda réplicas. Aqui esta o perigo.

Ninguém nos atacou. Eram acatados os brasileiros vivos e mortos. Caxias, Osório, Castro Alves, Aluizio Azevedo não recebiam dos nossos irmãos hispano-americanos, si não termos corteses, expressões comedidas, frases de correta sociabilidade. O certo é que assim se passava, apesar de que apenas os seus nomes, não os feitos e as obras, chegaram as plagas da

América Espanhola (JULIO, 1944:18).

Da mesma forma, Antonio Candido afirmou, em seu texto "Os brasileiros e a nossa América", de 1965, que a indiferença dos hispano-americanos pelo Brasil é, guardadas as devidas especificidades locais, maior que no sentido contrário.

A Espanha foi potencia européia decisiva em certo momento, e sua cultura pesou na civilização do ocidente. Portugal foi sempre um pequeno estado marginal, voltado para o mar e o vasto mundo, sem presença ponderável nos centros da civilização comum, sem nenhum Felipe II para assombrar a Europa, sem nenhum Cervantes para mudar os *rumos* da literatura.

Enquanto a Espanha, com o *Quixote* e a picaresca, abria caminho para o romance, isto é, um gênero inovador que serviria para exprimir o moderno, Portugal produzia *Os Lusíadas*, de Luis de Camões, num gênero a epopéia, destinado a perder a atuação rapidamente. Em consequência de tudo isso e outras que não cabe discutir agora, o espanhol tende a supervalorizar a sua cultura e impor a sua língua, enquanto o português aprende docilmente as dos outros. Pensemos em nos, herdeiros deles: ainda hoje, se for, por exemplo, a Bolívia, um brasileiro se esforça para falar portunhol, enquanto um boliviano no Brasil falara tranqüilamente o seu bom castelhano (CÂNDIDO, 1993:130).

Diante dessas argumentações, percebemos que Silvio Julio constatou historicamente a discriminação e a indiferença entre os países latino-americanos, antes mesmo de os pensadores contemporâneos repensarem essa temática, coincidentemente, com argumentos semelhantes aos utilizados por ele. Por que razões, porém, os autores da atualidade, citados anteriormente, não o utilizaram, nem mesmo, como uma referência bibliográfica militante?

Possivelmente pelo fato de intelectuais veementemente nacionalistas, da primeira metade do século XX, terem ignorado as suas argumentações ligadas à afirmação de que pertencemos a uma cultura mais ampla - "a cultura latino-americana". Esses, por sua vez, eram, em grande parte, influenciados pelo pensamento europeu (principalmente francês) e norte americano. Não devemos, contudo, deixar de mencionar que o temperamento impulsivo do autor comprometia a sua sociabilidade, e sua expressiva fragilidade teórica gerava desinteresse, apesar dessa ser comum a muitos autores que iniciaram suas carreiras acadêmicas naquele período. Segundo o autor:

Quem escreve no Brasil, sobre literatura hispano-americana, sabe que tem

de enfrentar muitas dificuldades. Por isso, convém que as vença, prevenindo-se contra os prejuízos e calúnias. Antes de qualquer ato, o que cumpre o investigador é conhecer as barreiras, perigos e ciladas, para combater todos esses absurdos e conseguir implantar a verdade. Sem a determinação clara de cada antipatia, sem a avaliação completa de cada despautério, inútil será o esforço mais nobre. Assim o historiador e crítico da cultura dos povos novo-mundistas que falam o castelhano se vê forçado sempre à polêmica (JULIO, 1944:5).

Uma de suas polêmicas esteve relacionada às provocadoras justificativas que utilizou para afirmar que a História da América não se desenvolveu, com afinco, na primeira metade do século XX, por essa estar sendo escrita, em grande medida, por pesquisadores com trançados provincianos.

É difícil encontrar na América boas, completas, autênticas coleções de documentos do passado porque aqui se fabrica história de acordo com os motivos e paixões pessoais, interesses, razões de grupo, partidos ou famílias. Faltam educação e instrução para solucionar enigmas da evolução nacional sem deixarmos nos levar por vaidades regionais, intrigas de aldeias, desconfianças e ressentimentos contemporâneos (JULIO, 1944:23).

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro era, para Silvio Julio, um exemplo “suspeitíssimo” desse tipo de conhecimento histórico, pois a insistência ufanista de seus membros em pensar a história a partir da nação tinha como consequência a exagerada glorificação do passado nacional, o reconhecimento intelectual fácil e cômodo, e o grave comprometimento na compreensão de outros países e culturas, uma vez que a exaltação do Brasil gerava, muitas vezes, um sentimento de superioridade. De acordo com Silvio Julio: “Os ufanismos ribombantes dos jingoístas querem insular-nos no universo, atribuindo à nossa gente qualidades incomparáveis, privilégios de valentia e talento, exclusividades hiperdivinas que nos alteiam a únicos sobre a terra. Não merece nada dessas toleimas um segundo de atenção” (Julio, 1961, p.136).

No período em que o autor começou a produzir seus trabalhos, a postura crítica sobre a nação não era tão recorrente. É interessante salientar que, hoje em dia, a crítica ao nacionalismo é aceita facilmente no meio intelectual, uma vez que as grandes ideologias desmoronaram e a história ampliou os seus objetos. Não obstante, segundo Prado, pensar a história a partir da nação é, ainda, uma forma preponderante para a compreensão desse saber.

A perspectiva de tornar as fronteiras da nação como os limites *naturais*

estabelecidos para a pesquisa histórica é ainda a escolha majoritária. A força persuasiva do nacionalismo continua presente e fortemente estabelecida tanto no cenário da política como também no mundo universitário, onde a centralidade das disciplinas referidas à história nacional é prova cabal dessa visão hegemônica (PRADO, 2005:112).

Para o autor, intelectuais como João Ribeiro, Silvio Romero e Elísio de Carvalho dedicaram-se a alguns aspectos culturais latino-americanos, mas “nunca persistiram na pesquisa e meditação do total de feições da problemática novo-mundista”. Anteriormente a ele, um dos únicos a se dedicar à defesa de uma visão sobre a América Hispânica mais positiva foi Manuel Bomfim, porém, Silvio Julio, afirmava que coube a Silvio Romero ter dado um “mau fim” a esse primeiro esforço.

O resgate das idéias de Silvio Julio coloca em contraponto o preponderante discurso intelectual nacionalista e as isoladas vozes latino-americanistas no Brasil, até, ao menos, o final dos anos 1950. É certo que esse debate não é ingênuo, pois vem acompanhado de discussões que representam uma série de interesses políticos e culturais envolvidos. Logo, não é a discussão sobre a "autenticidade" desses termos que nos interessa aqui, visto que a noção do mais “autêntico” é extremamente questionável e, sim, a possibilidade de repensarmos a inserção do Brasil no continente latino-americano.

Os hispano-americanos utilizam esse discurso latino-americanista com maior veemência que os brasileiros, uma vez que a questão da unidade e diversidade é mais complexa entre eles do que no Brasil. O Brasil manteve a unidade no Império após a proclamação da independência, diferentemente da América Hispânica, que se fragmentou com a independência e a proclamação das repúblicas, ao enfrentar a Coroa espanhola. Talvez, seja, por isso, também, que a discussão sobre a unidade latino-americana seja mais recorrente nessa "outra" América.

No Brasil, o discurso vencedor é o nacionalista, que tende a menosprezar os projetos latino-americanistas, contribuindo, em grande parte, para que os intelectuais latino-americanistas brasileiros não tenham, no país, tanta expressividade. A problemática do discurso vencedor é que ele ofusca as várias possibilidades de interpretação histórica, criando uma única possibilidade de apreensão do real. Desse modo, discutir as questões levantadas por Silvio Julio permite ampliarmos as dimensões da historiografia brasileira sobre esse assunto, na medida em que o autor recoloca a unidade latino-americana e a tradição ibérica como características básicas da nação brasileira.

Esse olhar enfatiza que as semelhanças do Brasil com a América Hispânica são maiores e mais profundas do que as diferenças, uma vez que eles são países formados pela mesma origem – a tradição ibérica. Para Silvio Julio é a valorização e a compreensão dessa tradição a chave do desenvolvimento americano. Ponto de vista oposto àquele que vê na ruptura com as tradições ibéricas a única saída modernizante para as nações latino-americanas.

A América Espanhola é católica. O Brasil é católico. A América Espanhola e ibérica O Brasil é ibérico. A América espanhola é de cultura latina. O Brasil é de cultura latina. A América Espanhola e o Brasil estão no mesmo sentido do hemisfério ocidental e no mesmo continente. A América Espanhola e o Brasil adotam a república e a democracia. A América Espanhola fala castelhano e Brasil fala o português, dois idiomas quase iguais e que se entendem naturalmente por quem os ouve e os usa todos os dias, sem necessidade de prévio estudo.

(...) Nas Américas Espanhola e Portuguesa os fatores unitivos estão em maioria e, além disso, favorecem a civilização de todos os países continentais (JULIO, 1944:35).

A convicção de que temos que compreender as nossas tradições ibéricas antes de nos vincularmos às outras referências é um argumento fortemente influenciado pelas ideias do pensador uruguaio José Enrique Rodó, em seu livro *Ariel*. A América Latina seria, desse modo, um lugar distinto que compartilharia origens comuns a de outros povos e culturas ocidentais de tradição helênico-judaico-cristã.

Essa visão torna-se interessante no momento em que a historiografia atual, ainda em parte, compromete-se com a idéia de compreendermos a herança cultural latino-americana como sendo medularmente ibérica e como uma variante autônoma da civilização ocidental. Veja a exemplo disso que para Rubem Barboza Filho, em seu livro *Tradição e Artificio*, a América Latina possui traços predominantemente ibéricos.

Barrocos, desconfiamos dos determinismos, vendo sempre no espaço o cenário para as nossas vontades. E talvez no espaço possamos ainda encontrar um poderoso elemento de contenção deste futuro catastrófico de inércia e ruína: a construção, ainda mais alargada do que a intentada por Bolívar, de um espaço ibero-americano (BARBOZA FILHO, 2000:325).

É importante destacar novamente que essa posição é discutível, uma vez que pensadores contemporâneos propõem uma reflexão que visa a privilegiar as contradições e complexidades das diversas influências que compõem a "espaço cultural latino-americano", através de conceitos como transculturação, mestiçagem cultural e hibridismo.<sup>3</sup>

Silvio Julio afirmava que não seria através da política nem da ciência ou da economia que compreenderíamos as tradições que compõem a América Latina e sim através das manifestações culturais.

Negar a América esta unidade superior a divisões políticas e ignorar o mais simples dos fatos psico-históricos.

Não será na investigação científica, que tem de se organizar com objetivismo dominante, nem do gorduroso monetarismo que anima o comércio, onde tudo se sacrifica à pança, porém na literatura verdadeiramente representativa que se nos deparara a filosofia vital das democracias do Novo-Mundo. Ela, - generalização extrema do que raciocinamos e do que nossos instintos exigem, - sintetiza, sem intuítos imediatos, o temperamento, o caráter coletivo das nações livres deste continente (JULIO, 1944:52).

Para Silvio Julio, o fator cultural é a chave para compreendermos a América Latina, sendo que as diferenças entre as línguas espanhola e portuguesa não significam, segundo ele, um empecilho para aproximação desses povos:

Não é delírio romântico. Os contatos, simpatias e igualdade das duas línguas permitem que as confundamos às vezes e, noutras oportunidades, consigamos favorecer-lhes relações. (...)

Quem não raciocinou a esse respeito, quem não estudou esse aspecto do americanismo, convém que averigúe o valor colossal do fenômeno. Poder um brasileiro ir da Argentina ao México entendendo, sem nenhum preparo anterior, os seus irmãos do Novo Mundo, graças ao parentesco das línguas lusas e castelhanas, não é admirável? (JULIO, 1944:43).

O autor endossa que, na Idade Média, antes mesmo de Espanha e Portugal se

---

<sup>3</sup> Autores como Fernando Ortiz, Serge Gruzinski e Nestor García Canclini dedicaram-se ao desenvolvimento desses conceitos no intuito de compreender o espaço latino-americano.

constituírem como Estados Nacionais, as semelhanças entre as regiões eram perceptíveis.

Não se trata de uma coincidência rara. No castelhano e no luso da Idade Média as semelhanças são notáveis, não só em fenômenos de ortografia, mas também relativamente às linhas morfológicas e até a sintaxe. Influxos estranhos, divergências políticas e outras circunstâncias diminuíram estas aproximações, estas parcerias, estes laços de união, que aqui na América devemos avivar, incentivando por meio dos dois idiomas irmãos a nossa solidariedade espiritual (JULIO, 1944:48).

Adiante, chama a atenção para a importância de que não haja, na América Latina, o julgamento de obras literárias e políticas pelo número dos habitantes de um país e nem pela sua extensão geográfica.

Ruben Dario, cuja poesia abrange a América e a Espanha, nasceu em Nicarágua. 'Os que julgam a magnitude de um personagem (disse-o Blanco Fombona) pelo número de seus concidadãos, podem recordar que Jesus não nasceu em Roma nem Jerusalém'.

É perigoso o critério da kilometragem ou o do censo para a avaliação do talento (JULIO, 1944:30).

A literatura exerce, na percepção do autor, um papel fundamental na compreensão dos povos latino-americanos porque ela representa uma visão das coincidências entre a cultura, a economia e a política.

Catemos os rasgos morais da sociedade novo-mundista na literatura verdadeiramente representativa que já possuímos. (...).

Arte americanista e filosofia americanista não são sistemas oficializados, dogmas, conceitos' estáticos; são vibrações livres e captação de instintos francos, diretos, novos, que sintetizam doutrinas e harmonizam, espontaneamente, normas que eram para os do Velho Mundo irreconciliáveis.

Americanismo artístico e americanismo filosófico consistem nesta democratização, pela mescla, das categorias mentais que se destruíam nos ambientes pesados, densos, impenetráveis da Europa.

É desnecessário definir; basta que pratiquemos, que exteriorizemos o que

nasce dentro de nós em função do que nos cerca (JULIO, 1944:54).

A época em que Silvio Julio escreve esse texto sobre o americanismo, no Brasil, a Europa estava dilacerada pela guerra. Sem desconsiderar a influência e a importância da Europa no cenário americano, o autor critica os ideários autoritários provenientes dela, naquele período, e propõe ao leitor:

Fujamos, pois, dos solenes organizadores do poder nazista, dos submissos incuráveis, dos que, em nome da ordem acorrentam o cidadão que pensa e ama o porvir como esperança de felicidade, dos macaqueadores das piores teorias da Europa decaída.

As literaturas americanas não pregam o ódio; não adoram déspotas, não criam místicas individuais, não se conformam com a estupidez futurista. Quem as conhece e as cultiva sabe que elas constituem uma só orientação e que enviam ao futuro uma só mensagem: unionismo, solidariedade, confraternização pela beleza (JULIO, 1944:55).

Negar a Alemanha nazista, os regimes fascistas, assim como os discursos totalitários comunista e integralistas presentes no Brasil, não era equivalente a dizer, de acordo com Silvio Julio, que os brasileiros devessem ser seduzidos pela "cultura norte-americana", composta por valores diversos da "cultura latino-americana".

Antes ao menos havia estética no estilo. Agora o pior gosto do mundo, o desconfigurado, o desconexo é a regra, que importamos de New York e Hollywood.

Não íamos bem, pois nos inferiorizávamos nas cópias. Agravamos esse erro, plagiando modelos indignos de consideração.

Tentar subir a Flaubert ou Zola parece compreensível. O absurdo está em esforçar-se o intelectual por descer aos insossos, mastodonticos, desordenados e fúteis reporteiros que se julgam romancistas nas terras de Lufs Bromfield e Jack London. (...)

Sempre houve subúrbio literário, mas ninguém ousava a arrancar-lhe às alfurjas os seus latões com o sinistro intuito de ornar os templos da arte. Salão é salão, cozinha é cozinha; esgoto é esgoto (JULIO, 1944:20).

Notamos no discurso do autor uma profunda idealização em relação à América Latina, que, para ele, é constituída de uma identidade, essencialmente, ibérica. Além do mais, ao compartilhar de uma visão *arielista*, que tende a ver a "cultura norte-americana" de maneira simplista e, frequentemente, preconceituosa, o autor acaba por desconsiderar as nuances da região. No entanto, ao pensarmos que o discurso de Silvio Julio é um discurso minoritário na sociedade brasileira e, conseqüentemente, difícil de se fazer ouvir, o seu "grito" torna-se um elemento interessante na tentativa desesperada de chamar a atenção.

Era também fundamental para Silvio Julio que os brasileiros atentassem para a importância histórica de Bolívar, sem sentirem que os heróis nacionais estivessem ameaçados pela exaltação dessa figura.

As glórias de Bolívar ou as de Sucre não empanam as de Caxias ou as de Osório, nem as destes ou as dos generais e estadistas hispano-americanos. Provocar, portanto, ressentimentos, desconfianças, ódios, homogenizando-os à força primeiro, para depois deprimir uns e exaltar outros, é ato vilmente repugnante, além de grosseiro.

Suponhamos que não haja no Brasil quem estude a vida de Bolívar com imparcialidade, erudição e espírito científico. Perguntemos: pelo fato de não a conhecerem os nossos compatriotas, ela deixa de ser a mais bela e a mais importante de todas as Américas?

Centenas de obras em francês, alemão, inglês, português, húngaro, polonês, castelhano, obras de várias índoles, mas todas úteis e apreciáveis, esgotam a análise biográfica e a crítica do venezuelano, levando-lhe o nome pelo mundo inteiro. Que adianta a verdade e a sua fama, portanto, a opinião de um improvisador ávido que não leu nada disso e, para caçar níqueis a custa de paixões patrioteiras, ousa colocar-lhe o gênio múltiplo em condição inferior a de outro militar, cujo valor difere do seu radicalmente?(JULIO, 1944:20).

Os EUA e a América Latina são concebidos como regiões divergentes. A defesa da identidade latino-americana é representada, inúmeras vezes, pela figura emblemática de Simón Bolívar, uma vez que este imagina as possibilidades de união americana, sem negar às especificidades de cada região. O que Bolívar propunha eram as alianças entre regiões dispostas a negar o domínio externo. De acordo com Prado, o Bolívar "brasileiro" é, ainda hoje, "uma figura distante e pouco conhecida, pois que o Brasil não precisa de heróis latino-americanos (na verdade, gostaria de criar heróis brasileiros para a América Latina)" (Prado, 1983). Entretanto, Silvio Julio enfatiza de forma idealizadora:

O unionismo das democracias republicanas da América, coordenado e consolidado magistralmente em 1812, 1815, 1818, 1824 e 1826 por Simón Bolívar, *El Libertador*, constitui a essência de nossa evolução continental, que difere da que o velho mundo pretendia impor-nos. Há, nesse corpo de doutrinas, o pleno reconhecimento das plenas condições que nos prepararam para o exercício do novo direito. O que vivia solto no ar e ia agindo sem método, depois de sua redução a preceitos tomou forma política e norteou os passos da gente que aqui nasceu (JULIO, 1944:20).

O discurso pautado na unidade latino-americana é conectado à defesa de um destino comum calcado na tradição ibérica, cujos traços gerais são a república e a representação mítica da figura de Bolívar. A compreensão da historiografia brasileira sobre esse tema o insere em uma tradição utópica com grandes dificuldades de realização histórica. Para Carlos Fuentes:

O continente americano tem vivido entre o sonho e a realidade, tem vivido o divórcio entre a boa sociedade que desejamos e a sociedade imperfeita que realmente vivemos. Temos persistido na utopia porque fomos fundados pela utopia, porque a memória de uma sociedade feliz está na própria origem da América, e também no final do caminho, como meta e realização das nossas esperanças (FUENTES, 2001:9).

O debate filosófico contemporâneo sobre a utopia desterrou, segundo o mexicano Fernando Ainsa, o pensamento utópico do "território da esperança" para o lugar dos projetos irrealizáveis e desmesurados. Acreditamos que Silvio Julio encaixa-se em uma tradição idealizadora do "ser latino-americano". Nessa tradição, esse "ser americano" é o resultado de uma tensão entre os anseios do "homem americano" e a sua complexa e difícil realidade histórica. A utopia de Silvio Julio é a utopia bolivariana no Brasil. No entanto, não devemos esquecer que Bolívar possuiu uma trajetória extremamente contraditória, invertendo o sentido do discurso utópico americano ao desiludir-se, em diversos momentos, com a sua própria luta. Em carta ao General Juan Jose Flores, em 1830, confessou:

Sabe S. Exa. que governei por vinte anos e deles não tirei mais que poucos resultados certos: 1º ) a América é ingovernável para nos; 2º ) quem serve a uma revolução ara no mar; 3º ) a única coisa que se pode fazer na América e emigrar; 4º ) este país caíra infalivelmente nas mãos da multidão desenfreada, para depois passar a pequenos tiranos

imperceptíveis, de todas as cores e raças. 5º) devorados por todos os crimes e extintos pela ferocidade, os europeus não se dignarão a nos conquistar; 6º) se fosse possível que uma parte do mundo voltasse ao caos primitivo, esse seria o último período da América (BOLÍVAR, 1992:139).

Apesar de grande parte da intelectualidade brasileira compreender a união latino-americana como uma utopia irrealizável e desmesurada essa idéia teima em manifestar-se, há quase dois séculos, através da economia, da política, da cultura e nos discursos de diversos intelectuais e lideranças políticas, principalmente de hispano-americanos.

Segundo Silvio Julio, o grave equívoco dos intelectuais brasileiros era desconsiderar os benefícios que o mútuo conhecimento dos povos latino-americanos propiciaria e insistir em tornar a América Latina um lugar semelhante à Europa ou aos EUA. O problema não estaria, desse modo, no discurso utópico latino-americano, pois a utopia não seria sinônimo de impossibilidade, e sim da inexistência de uma certa realidade. Como afirma Fernando Ainsa:

El territorio de la utopia que "no está aqui" supone el esfuerzo de creación de *outro* mundo, alteridad que recupera las virtudes del pasado, se proyecta en el futuro o, simplemente, se representa como ya existente, dado en otra lugar. Este *outro* mundo, en tanto que alteridad, representa una contraimagen crítica de esta realidad (el *aquí*. y el *ahora*), a la que pretende corregir imponiendo modificaciones a lo injusto de su estructura (AINSA, 1992:10).

Podemos pensar, de acordo com Silvio Julio que, se considerarmos que o espaço latino-americano reúne culturas diversas, os modelos que a Europa ou os EUA oferecem não seriam, esses sim, uma impossibilidade? No momento em que nos sintonizarmos frente à "identidade" ou às "identidades culturais latino-americanas" com tradições políticas que herdamos da Ibéria, não encontraríamos uma melhor saída para os problemas que envolvem esse território?

Atribui-se ao discurso latino-americanista, no Brasil, com frequência, um sentido sonhador e sem conexão com a realidade. O Brasil, porém, não deveria ter, ao contrário do que, muitas vezes, se pensa, um sólido conhecimento da História da América Hispânica para ser sensível a essa utopia? E mais, os discursos nacionalistas sobre o Brasil não foram, muito mais, também, uma idealização do passado e uma projeção do que o Brasil deveria se tornar,

ao invés de uma busca exaurida dos acontecimentos passados e das complexidades do presente?

Essas indagações estão na base do discurso de Silvio Julio, que procura trabalhar em prol do mútuo conhecimento dos povos latino-americanos, através da cultura, na tentativa de instruir e transcender a desunião econômica e a fragmentação política. Ao assumir esse discurso, o autor fala a partir de uma única perspectiva – a latino-americanista. Entretanto, o Brasil não se mostrava como o *locus* enunciativo mais adequado, daí a tensão e a ambivalência que se percebem na sua escrita.

A discriminação motivada pelo preconceito dominante no Brasil em relação à América Hispânica contribuiu para silenciar uma voz dissonante que trazia a problemática da latinidade americana como um contraponto ao discurso nacionalista que predominava na primeira metade do século XX. A questão fundamental do autor não era a luta pelo discurso mais "original", e sim a luta contra o nacionalismo estreito que impede o intelectual de se ligar a uma visão transnacional de cultura.

### **Referências Bibliográficas**

AINSA, Fernando. *De la edad de oro a el dorado. – Génesis del discurso utópico americano*. México: FCE, 1992.

AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manuel Bomfim*. Rio de Janeiro: ANPOCS:TOPBOOKS, 2000.

ANDRADE, Mario de. *O Banquete*. São Paulo: Ed. Duas Cidades, 1944.

BAGGIO, Kátia Gerab. A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas. São Paulo. FFLCH-USP, 1998 (Tese de Doutorado).

BARBOSA FILHO, Rubem. *Tradição e Artificio. Iberismo e barroco na formação americana*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2000.

BOLÍVAR, Simon. *Escritos Políticos*. Trad. Jacques Mario Brand & Josely Vianna Baptista. Campinas: Ed. Unicamp. 1992.

CANDIDO, Antônio. Os brasileiros e a nossa América. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPELATO, Maria Helena. “O ‘gigante brasileiro’ na América Latina: Ser ou não ser latino-

americano”.In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem Incompleta: A Experiência Brasileira (1500-2000) - A grande transação*. São Paulo. Ed. Senac, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e Bordados: Escritos de História e Política*. Belo Horizonte. Ed:UFMG, 1998.

FUENTES, Carlos. *O espelho enterrado – Reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo*. Rio de Janeiro:Rocco, 2001.

GARCÍA CANCLINI, Nestór. *A globalização imaginada*. São Paulo: Editora: Iluminuras, 2003.

JULIO, Silvio. *Estudos hispano-americanos*. Rio de Janeiro: Librería Espanhola, 1924.

\_\_\_\_\_. *Apostolicamente*. Rio de Janeiro: Casa de Cervantes, 1926.

\_\_\_\_\_. *Bolívar e Sucre*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1928.

\_\_\_\_\_. *Toda América*. Rio de Janeiro: Gráfica Alba, 1939.

\_\_\_\_\_. *Cérebro e coração de Bolívar*. Salvador: Livraria Progresso – 3ª edição (1ª ed. 1931).

\_\_\_\_\_. *Escritores Antilhanos*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1944.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a história dos povos americanos*.Rio de Janeiro: Nepec, 1961.

QUIJADA, Mônica. Sobre el origen y difusión del nombre América Latina. *Revista de Índias*, 1998, Vol.LVIII, Num 214.

PRADO, Maria Ligia Coelho. O Brasil e a distante América do Sul. São Paulo: *Revista de História: Humanitas – FFLCH –USP – abr/2002*.

\_\_\_\_\_. Bolívar & Bolívars. In: *Folhetim – Suplemento da Folha de São Paulo*, 24 de julho de 1983.

\_\_\_\_\_. Repensando a história comparada na América Latina. In: *Revista de História. Humanitas, USP – São Paulo*, 153 (2º Sem), 2005.

RODÓ, José Enrique. *Ariel: liberalismo y jacobinismo ensayos*. México: Ed. Porrúa, 1979.

ROUQUIÉ, Alan. *O extremo ocidente: introdução à América Latina*. São Paulo: Edusp, 1991.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América – a questão do outro*. São Paulo. 3ª Edição: Martins Fontes, 2003.